

RE-CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: UM ESPAÇO POSSÍVEL NA TERAPIA OCUPACIONAL

RECONSTRUCTION OF NARRATIVE: A POSSIBLE SPACE IN OCCUPATIONAL THERAPY

NAIARA G. PEREIRA

Terapeuta ocupacional

CECÍLIA CRUZ VILLARES

*Terapeuta ocupacional,
Mestre em Saúde Mental
pela UNIFESP, coordenadora
das atividades docentes no
Curso de Especialização
em Terapia Ocupacional
em Saúde Mental e na
Residência Multiprofissional
em Saúde Mental, no
Programa de Esquizofrenia
(PROESQ) do
Departamento de Psiquiatria.
Docente convidada no
módulo
Família e Transtorno Mental
no
Instituto Famíliae.*

RESUMO: Os atendimentos clínicos de Terapia Ocupacional na área de saúde mental tem sido mais divulgados nos últimos tempos, com a proposta de se pensar e compartilhar nossa prática. A partir disto, este trabalho apresentará uma articulação teórico-clínica de um processo de Terapia Ocupacional, a partir da perspectiva do construcionismo social. Este descreverá um processo reflexivo dos atendimentos realizados pelo período de aproximadamente dois anos em um ambulatório de esquizofrenia. O foco será na construção de uma narrativa compartilhada dentro do setting de atendimento, com ênfase nas memórias, narrativas e construções conjuntas realizadas no período.

PALAVRAS-CHAVE: construcionismo social, terapia ocupacional, saúde mental

ABSTRACT: The clinical care of Occupational Therapy in mental health has been disclosed recently, with a proposal to share our thinking and practice. In this work, will be present a theoretical and clinical articulation of a process of Occupational Therapy, from the perspective of social constructionism. This will describe a reflexive process of care provided for approximately two years for a patient with schizophrenia. The focus will be on building a shared narrative in the setting of care, with emphasis on memories, narratives and joint constructions in the period.

KEYWORDS: social constructionism, occupational therapy, mental health

"Ser significa comunicar... ser significa ser para o outro, e através do outro, para alguém. Uma pessoa não tem um território interno independente, ela está completamente e sempre na fronteira; olhando para dentro de si, ela olha nos olhos do outro ou com os olhos do outro."
BAKHTIN (1984)

"O terapeuta aprende, conhece e conversa na linguagem do cliente porque a linguagem é uma metáfora para as experiências do cliente. As palavras do cliente, sua linguagem e significado são o que se passa na vida do cliente. Na conversa terapêutica é essencial que o terapeuta elabore o conhecimento através das metáforas da experiência do cliente."

ANDERSON E GOOLISHIAN (1988)

Ao iniciar *minha* Especialização de Terapia Ocupacional em Saúde Mental, *eu tinha* uma expectativa muito grande sobre a possibilidade de atender pacientes com os mais diversos diagnósticos psiquiátricos e problemas de Saúde Mental. Pensava no quanto as supervisões semanais poderiam me ajudar a estruturar o raciocínio clínico enquanto terapeuta, assim como na evolução dos casos.

Nos atendimentos de Terapia Ocupacional, trabalha-se com atividades como instrumento num enquadre relacional, que faça sentido a partir da linguagem, das referências e das experiências que cada um traz para o encontro terapêutico, buscando a construção de narrativas alternativas à experiência do sofrimento e da alienação, ampliando ou enriquecendo repertórios em seus cotidianos (Villares, 2006).

Este texto é fruto de um trabalho de conclusão de curso de especialização de Terapia Ocupacional em Saúde Mental, realizado na Universidade Federal de São Paulo, que tem a duração de dois anos, e envolve atividades teóricas e práticas.

Durante esse período, atendimentos individuais e em grupo são realizados em diversos serviços do Departamento de Psiquiatria, tendo cada um sua especificidade de população atendida, composição de equipe e *premissas* teóricas. Este trabalho abordará uma prática desenvolvida num desses serviços, o Programa de Esquizofrenia — PROESQ.

PROESQ é um programa ambulatorial criado em 1989, que visa atenção a portadores de esquizofrenia de forma multidisciplinar, tendo uma equipe composta por médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, assistentes sociais, nutricionista e enfermeiro, sendo estes profissionais contratados pela universidade, pós-graduandos, voluntários, residentes e especializando.

Dentro deste contexto, quando recebi o encaminhamento para atendimentos individuais de um portador de esquizofrenia, imaginava diversas possibilidades para o caso — quem era essa pessoa? Qual a sua história? O que o atendimento de TO poderia oferecer etc. — antes mesmo de conhecê-lo, inclusive por saber que este já havia realizado atendimentos anteriores de Terapia Ocupacional.

As descrições predominantes dos profissionais do PROESQ — médicos, terapeutas, enfermeiro, atendente da recepção, pacientes, dentre outros — sobre M., era de que era alguém que “não fala lé com cré”, “não tem como entender nada do que ele diz”, “ele é o típico paciente desagregado”, evidenciando uma dificuldade de comunicação com este. Questionava-me a

todo momento sobre as vivências do paciente para conseguir/saber se comunicar desta forma. Quanto mais o observava, mais percebia como as pessoas ignoravam suas perguntas e comentários, evitando um contato mais próximo com M. Percebia como a forma de M. iniciar ou dar continuidade a uma conversa era diferente do usual, e como outras pessoas viam esta maneira como limitante para o diálogo e não como uma nova forma de expressão.

Nos primeiros contatos com M., percebi a dificuldade de estabelecer uma conversa com ele, de propor alguma atividade para realizarmos, assim como saber em que sentido seguir para construir uma relação em que minimamente nos entendêssemos.

A busca por esta linguagem, constituída de um vocabulário compartilhado, deu-se então pela necessidade de entendimento mútuo. Desta forma, um novo vocabulário, particular deste espaço, foi possível a partir da construção linguística peculiar de M.

Refletindo hoje, vejo o quanto estava rígida nos primeiros encontros com M., cheia de pré-conhecimentos e ideias de como deveriam acontecer os encontros. Somente a partir de uma mudança em minha postura, para uma mais colaborativa, com curiosidade a respeito das histórias de M., valorizando sua narrativa e construindo a partir dela um universo comum a nós, foi possível observar a grande possibilidade aberta para a criação de uma história compartilhada. Uma narrativa que fizesse sentido a ambas partes, onde pudéssemos pensar juntos, nestas vivências.

Ao iniciar a escrita sobre este caso, lembrei-me de que Tom Andersen (2002) apresenta uma ideia de Arthur Koestler sobre o ato criativo“(…) não se cria alguma coisa do nada: (o ato) revela, seleciona, embaralha novamente,

combina, resume fatos já existentes, ideias, aptidões e talentos. Quanto mais familiares forem as partes, mais surpreendente será o novo (p. 155).”

Acredito que os encontros com M. seguiram muito esta ideia, onde um caminho de muitas idas e vindas foi realizado a partir das histórias trazidas por M., fazendo com que um universo cada vez mais surpreendente fosse recriado em nosso *setting*.

Utilizarei de um referencial não tão conhecido pelos Terapeutas Ocupacionais — o Construcionismo Social — que se torna muito útil em nossa clínica por dialogar com a Terapia Ocupacional na forma de pensar e atuar na clínica, a partir do desejo do paciente e nos acordos entre os membros envolvidos nos atendimentos. A partir disto, busco também a possibilidade de divulgar uma forma de pesquisa para a Terapia Ocupacional, até então pouco empregada.

OBJETIVO

Este trabalho descreve um processo reflexivo de articulação teórico-clínica a partir de um atendimento clínico de Terapia Ocupacional, tendo como foco a construção de uma narrativa compartilhada dentro do *setting* de atendimento.

SOBRE O MÉTODO

Sanches-Justo *et al.* (2010) afirmam que a pesquisa é um mergulho, um enlace do pesquisador com a pesquisa e os participantes, desenhando uma construção coletiva dos saberes organizados na forma de uma pesquisa.

Adotei esse olhar reflexivo para a realização deste estudo de caso, onde será realizada uma articulação teórico-clínica, utilizando dados de prontuário,

materiais dos atendimentos, diários de campo e anotações de supervisão realizadas durante o período da elaboração deste trabalho. Este estudo de caso foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo, após ter o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

Pensarei o campo de pesquisa como um local onde o pesquisador encontra memórias e narrativas, e busca explorar todas as possibilidades, vindas de interações complexas, onde se constroem reflexões, produção de sentidos e de ação (Sanches-Justo *et al.*, 2010).

O pesquisador, nesse caso, é visto como parte inseparável do processo, que é construído conjuntamente com o objeto a ser estudado. Como citado por Guanaes e Japur (2008, p. 118), a pesquisa “privilegia a investigação no modo como os enunciados se relacionam e no modo como as pessoas constroem entre si, numa ação-conjunta, espontânea e de uso corporificado da linguagem, determinadas realidades conversacionais”.

O construcionismo social tem como uma de suas principais premissas que os significados são construídos pelas pessoas em interação, através de processos de trocas dialógicas. Como considera Rezende (2011), a linguagem não representa a realidade *a priori*, mas a constrói a todo o momento, fazendo com que os processos relacionais tenham poder criador e transformador.

O foco do significado nesta abordagem se encontra na ação, ou seja, na interação entre as pessoas, a partir da construção social. Como cita Gergen (2009), “a linguagem é relacional e pragmática e surge não do interior de cada indivíduo, mas da relação entre duas ou mais pessoas”, fazendo com que os significados se criem a partir de seu uso social.

Entende-se assim, de acordo com Araújo e Morgado (2006), a linguagem enquanto parte de uma atividade, de uma forma de vida; um instrumento para “fazer coisas”, não se limitando a “fazer pensamento”, mas sim “produzir realidades”. Afirmam também que: “mergulha-se no mundo das descrições, das crenças compartilhadas por comunidades linguísticas específicas, na multiplicidade dos vocabulários e na ideia da linguagem, não mais como a representação do mundo, mas como criadora de mundos possibilitando, portanto, descrever e redescrever a nós mesmos (p. 26).”

Introduzo também o termo “poética social” de acordo com alguns autores, e seu uso na pesquisa científica, pois este servirá de base para meu trabalho.

De acordo com Micheletti (1997), “a linguagem poética objetiva nossas necessidades estéticas, menos concretas e menos delimitadas...o leitor deixa-se conduzir pelos sons, pelo ritmo, pela musicalidade ou pela atração visual. Ele é tocado pela percepção sensorial”.

Sendo assim, neste texto, darei ênfase a uma linguagem em que se valorizam as palavras e suas combinações, inclusive com objetivo de transmitir emoções e sentimentos.

Segundo Rapizo (2006, p. 37), a ideia desse método é “tentar captar a singularidade e a novidade dos movimentos conforme eles se desdobram diante dos olhos”, fazendo com que seja possível visualizar novos recursos e conexões, projetando novas formas de vida, assim como a possibilidade de novos caminhos a se seguir a partir da sutileza e dos detalhes.

Nesse processo, retoma-se o fato de que o pesquisador é considerado inseparável do processo de pesquisa, onde a busca do padrão é substituída pela procura do inusitado, pelo

desconhecido e irregular, tentando assim “construir conexões criativas entre os aspectos, ampliando as possibilidades de descrição” (Guanaes & Japur, 2008, p. 119).

Desta forma, não buscarei encontrar um único caminho, um único olhar. Procurarei refletir sobre os encontros realizados, as mudanças ocorridas no período, assim como minhas hipóteses e ideias.

Partindo deste referencial, contarei de meus encontros com M. Gostaria de citar uma frase de Shotter e Katz (1996, p. 3) que também guiaram estes encontros: “Desconstruir links rotineiros e relações já estabelecidas e tidas como reais, faz com que se revelem novas possibilidades; e estas imagens poéticas nos movem para outros lugares.”

OS ENCONTROS COM M.

“É impossível definir o que os resultados ‘realmente’ são...nossas tentativas são o ponto mais próximo a que podemos chegar para compreender os significados e os pensamentos dos outros.”

(Tom Andersen, 2002, p.144)

Após o encaminhamento de M. e conversas com o médico do caso, que dizia que: “M. não fala ‘lé com crê”, “é uma pessoa que exemplifica a desagregação”, dentre outras frases que revelavam uma dificuldade de comunicação com o mesmo, fui para o primeiro atendimento com muitas expectativas e pré-conceitos.

Durante os primeiros encontros, percebia que me via frente a uma onipotência e uma impotência muito grande, pois, ao mesmo tempo que via muitas possibilidades de propor

atividades para estabelecermos um vínculo, e achar que tinha as respostas necessárias, tinha dificuldade de executá-las pois eu entendia e interpretava as respostas de M. como uma resistência a escutar qualquer abordagem e pergunta que eu realizasse, fazendo com que eu não soubesse para qual caminho continuar. Tinha a impressão que cada um estava seguindo um ritmo e um rumo nos atendimentos.

Percebi, com ajuda das supervisões, que uma nova postura era necessária para poder entrar em contato com esta pessoa que não compartilhava de muitos significados comigo. Como citam Gergen e Gergen (2010), novas formas de diálogos podem ser favorecidas a partir de uma postura de curiosidade acerca das tradições, possibilitando assim surgir novas realidades e novos valores a partir destas relações colaborativas. Somente com esta mudança na forma de estar com M. é que novos caminhos puderam ser descobertos.

Apesar de o nosso contato ter melhorado com esta nova forma de me relacionar, me via frente a outra dificuldade de comunicação, que era o fato de não compartilharmos dos mesmos significados das palavras.

Sendo assim, ao longo dos atendimentos e das supervisões do caso, fui entendendo a grande necessidade de criar uma linguagem compartilhada que nos possibilitasse construir uma narrativa comum, inscrita em nossa relação, para poder compreender seu mundo de fato e abrir novas possibilidades neste setting.

Como citam ainda Gergen e Gergen (2010), a linguagem é uma forma de imagem. As palavras e nomes são usados para efetuar relações. As palavras geralmente são incorporadas às atividades, e quando estas estão fora do contexto, fica difícil de compreender seus sentidos.

M. me convidava a todo momento a essa ambiguidade de significado das palavras, criando assim sentidos próprios à linguagem. A primeira vez que pude perceber isso foi na base da tentativa e erro, quando ele utilizou a expressão “3ª Guerra Mundial”, e eu o compreendi de uma forma metafórica. Ao longo da conversa e tentativa de compreender se o havia entendido, percebi que, para ele, sua primeira internação psiquiátrica realmente havia sido vivenciada como a 3ª Guerra Mundial. Dessa forma, eu precisava sempre estar em um jogo relacional de acerto/erro, do concreto/abstrato, para poder compreender de onde ele partia, e de onde eu partia, para chegarmos a um significado compartilhado de suas vivências.

Shotter (1995) diz que, com as compreensões relacionais e compartilhadas, encontramos diferentes possibilidades de relações — apesar de sermos diferentes e vivermos em “mundos diferentes”. A partir desse relato, penso no quanto tal experiência foi vivenciada nos contatos com M., pois eu tinha a sensação de que vivíamos em mundos muito diferentes, não compartilhados. Quando encontramos uma possibilidade de relação, passamos a dividir mais vivências, abrindo assim novos caminhos e novas compreensões.

Ao longo dos encontros, outros jogos de construir conexões entre o real/concreto e o real/simbólico (metáforas) foram sendo trazidos por M. para contar sobre mais sobre si, fazendo com que a curiosidade por suas histórias e vivências, assim como uma postura de não-saber (Anderson & Goolishian, 1998) tivessem sempre que estar muito presente em nossos atendimentos.

Proposta por Goolishian & Anderson, a posição do “não-saber” é quando o “terapeuta se deixa guiar por uma

intensa curiosidade a respeito do que dizem os clientes e de como constroem seu mundo. Tais terapeutas não abandonam seu conhecimento prévio, mas veem as experiências dos clientes como possíveis recursos para enriquecer o discurso terapêutico” (p. 60). O terapeuta é visto como um “arquiteto do diálogo”, sendo um participante ativo no codesenvolvimento de novos significados, novas realidades e novas narrativas.

Por exemplo, M. dizia que havia “perdido o alfabeto”, o que fazia com que ele tivesse dificuldade para conversar com os outros e comigo e o deixava impossibilitado de escrever. Para facilitar nossas conversas, propus a M. escrevermos as frases mais importantes de cada atendimento. Iniciamos assim a recuperação do alfabeto, pensando nas letras em si e nas vivências anteriores que ele gostaria de me apresentar.

Esta estratégia de intervenção foi baseada a partir da compreensão de Morin (2008), que diz da importância de termos um guia para nossas ações, mas sempre considerando o inusitado e o elemento surpresa

Apesar de sentir muitas vezes que não estávamos dando continuidade ou chegando a algum lugar, dava continuidade a essa forma de atendimento – ou seja caminhava meio no escuro, Tateando. O momento em que me fez sentido esta abordagem e que M. pôde falar desta mesma vivência foi quando ele foi renovar sua carta de motorista, e, durante os testes psicológicos, necessitou lembrar do alfabeto, associando assim essa experiência aos nossos atendimentos. Com sua aprovação no teste, M. fala da importância desses nossos encontros, não somente neste espaço, mas também para fora do setting terapêutico.

Segundo Shotter, na poética social, há a existência de alguns momentos

marcantes para os atendimentos, onde há o encontro de algo compartilhado e possibilitador de mudança. Acredito que este momento, de mudança de postura, seguido pela renovação de sua carta de motorista, fez com que uma nova forma de estar fosse estabelecida naqueles encontros, que passaram a ser mais compartilhados.

A partir de então, M. passa a me convidar a fazer parte de “seu universo”, me contando e apresentando experiências que até então eu não tinha acesso. Com um vínculo mais fortalecido, e com uma linguagem mais compartilhada entre nós, M. apresenta outro momento marcante para os atendimentos e sugere um “tratado de amizade”, que englobava um ambiente afetivo, com possibilidade de construção de coisas e relações.

Com esta nova forma de estar, novas perguntas foram feitas e outras possibilidades foram encontradas para esse universo tão singular em que me via imersa durante os atendimentos.

Tínhamos um jogo relacional muito interessante durante os encontros pois, por cada um ter uma singularidade e interesse pela história do outro, estávamos a todo instante perguntando e tentando compreender de onde o outro partia, quais eram os pré-conhecimentos de cada um, para desta forma, termos um espaço de vivências compartilhadas.

Em outro momento marcante para os atendimentos, M. propõe, então, de mudarmos o nome dos encontros de Terapia Ocupacional para “Acordo”, explicando ser devido ao fato de juntos, construirmos vivências e experiências diferentes do até então usual. Penso o quanto essa mudança de postura modificou também nossa relação e os atendimentos, passando de um modo muito rígido e sem abertura de conversa, para um local possível de

construção, de trocas, de relações até então não vivenciadas, que resultaram nessa proposta de mudança de nome/significado dos encontros.

A possibilidade de estar acessando esse outro “mundo” fez com que, cada vez mais, pudéssemos conversar sobre questões mais subjetivas e de seus sentimentos, como, por exemplo, no dia em que M. me perguntou se eu já havia estado presa. Logo que ouvi esta pergunta, levei para o concreto a palavra prisão e lhe respondi que não, ansiosa e preocupada em lhe perguntar o mesmo, pois não imaginava que M. já tivesse passado por esta experiência. Assim que M. escutou minha resposta me olhou de uma forma diferente, e com um olhar de inconformado refez sua pergunta, querendo saber se eu já havia me sentido “presa simbolicamente”. Conforme fomos conversando sobre isto, M. diz o quão difícil é para ele se sentir assim, apontando que “se faz algo errado, as pessoas julgam, e tem que se começar do zero novamente”, fazendo com que não se sentisse à vontade para ser espontâneo e verdadeiro em muitos momentos.

A postura do construcionismo social nos alerta sobre o quanto a cultura influencia quem nós somos, e na forma como nos relacionamos com o mundo. Nos encontros com M., eu podia perceber a dificuldade dele em ser aceito em uma comunidade com muitos preconceitos já estabelecidos, onde o que “não é o usual não serve ou não cabe”. Isso também era apontado por M. quando dizia que não queria ser visto somente como “o psicótico”, e sim como outras coisas, além disto.

Este estigma era rompido muitas vezes durante nossos atendimentos, quando outras pessoas como terapeutas, pacientes e pessoas de outros espaços externos, como padaria e

estacionamento, nos viam juntos conversando, passando então a me questionar sobre como compreender melhor o que M. dizia e agia, começando também a tratá-lo de outra forma, como uma pessoa além do diagnóstico dado.

Acredito que os atendimentos da Terapia Ocupacional proporcionavam esse espaço do possível, do criativo, do inusitado, sendo um local de experimentação de atividades e de formas de estar com o outro. Isto ficou mais evidente quando, em uma dessas conversas, M. me diz que sou uma das poucas pessoas que “olha através dele, de sua feiura, chegando assim a ver seu lado bom, bonito e não psicótico”, estabelecendo assim que a forma de nos relacionarmos dentro deste setting não partia de nossos pré-conhecimentos, e sim de algo de construíamos juntos, a partir de nossa linguagem.

Dentro desta relação, uma nova condição de cuidado foi estabelecida, sendo esta também compartilhada, tanto de minha parte, quanto de M. comigo, onde ele conseguia dizer de sua experiência e do que esperava que acontecesse comigo, como por exemplo, desejar que eu não ficasse psicótica, pois “é muito sofrido ser conhecido pela doença e pela psicose [...] sinto que minha cabeça e a cabeça dos outros giram em sentidos opostos”.

Após esse primeiro momento de tentarmos nos conhecer e compreender um ao outro, criar um vínculo e passar a ter uma comunicação mais compartilhada, M. passa a vir aos atendimentos de uma nova forma – mais aberto aos meus apontamentos, trazendo sugestões para fazermos juntos, e desejando que eu conhecesse mais seu meio e vivências — com novos questionamentos para esta relação, com um foco não no outro, e sim nele próprio.

Novas questões: M. passa a se questionar quem ele é, como podemos saber quem nós somos, o porquê de nossos nomes, e como conviver com algo que é imposto pelo outro, por uma tradição já estabelecida. Autores como Shotter (1995) e Gergen (2010) falam que somos resultado de tradições e construções sociais e culturais. Afirmam também que essas tradições servem como base de possibilidades para saber quem somos, mas não como fatores determinantes. A partir desta conversa com a teoria, foi possível partir deste lugar para conversar com M., com o objetivo de ajudá-lo nesta descoberta.

Em um dos últimos atendimentos, percebi o quanto esses encontros foram significativos para mim e para M., pois este diz que “ele está guardado em minha memória, e eu estou guardada em seu coração”. Percebi como criamos juntos um espaço possível de conversa, de novas experiências, onde momentos marcantes foram internalizados por ele e por mim também, como, por exemplo, a sua descrição da Terapia Ocupacional como um “espaço com-amigo e comigo e não com inimigo”.

A partir destes relatos, iniciarei mais algumas reflexões citando Tom Andersen em seu livro *Processos reflexivos* (2002): “Em cada ato de descrição todas as outras possíveis descrições são abandonadas, uma vez que muitas das distinções possíveis não foram feitas (...) Como seriam minhas descrições se eu perguntasse tudo o que não perguntei?”

Partindo deste pensamento e do caso relatado, observo que este texto foi resultado de uma das muitas possibilidades de conversas e compreensões. A cada nova leitura do caso, novos pensamentos e perguntas surgem, fazendo com que outras conversas

internas sejam realizadas em minha mente.

O construcionismo pressupõe uma forma de estar em que não há certo ou errado; uma forma em que se fica em um lugar de lidar com conflito, podendo olhar novas possibilidades, novos questionamentos. Como citam Gergen e Gergen (2010, p.101), “o construcionismo não significa desistir de algo chamado verdade; em vez disso, somos convidados a enxergar todos os tipos de discurso da verdade como originários das relações que tem lugar em determinadas condições culturais e históricas”.

Durante esses encontros, o exercício por um novo olhar com uma postura de não-saber foi muito exercitado. Olhar este em que era necessário um investimento sincero pelo momento do encontro, onde uma nova realidade era criada, a partir do encontro de dois mundos muito diferentes, ao mesmo tempo em que muito parecidos.

Acredito que, nesse trabalho, muitas passagens do processo ficaram reduzidas e restritas, levando em conta que a experiência em si tenha sido muito mais abrangente e impossível de ser narrada, inclusive pelos momentos que foram editados pela mente.

Como cita Andersen (2002), “o ato de falar certamente inclui dar informações aos outros, mas é algo mais, ou seja, é a constituição do self no momento e na forma em que se expressa a si próprio [...] por meio da fala uma pessoa busca as metáforas que melhor expressem suas compreensões e opiniões” (p. 152).

Em uma das supervisões do caso, a orientadora deste trabalho citou o quanto minha relação com M. a lembrava da história *Alice no país das maravilhas*. Esta comparação me fez muito sentido para olhar para este

caso, pois me sentia entrando em um universo desconhecido, no qual gostava muito de estar e descobrir; onde inusitado e inesperado eram as palavras-chaves. Sentia que tanto eu quanto M. entrávamos de uma forma nos atendimentos, e saíamos de outra completamente diferente, mesmo sem conseguir explicar exatamente o porquê. Desta forma, gostaria de terminar este trabalho com uma passagem do livro *Alice no País das Maravilhas*, em que Alice conversa com a lagarta e diz:

Lagarta Azul: *Quem é você?*

Alice: *Eu já nem sei, minha senhora, nesse momento... Bem, eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então...*

(...)

Lagarta Azul: *Então acha que está mudada, não é?*

Alice: *Receio que sim...*”

Alice no País das Maravilhas
(Lewis Carroll)

REFERÊNCIAS

- Andersen**, T. (2002). *Processos reflexivos* (2ª ed.) Rio de Janeiro: Instituto Noos/ITF.
- Anderson**, H., & **Goolishian**, H. A. (1988). Human Systems as Linguistic Systems: Preliminary and Evolving Ideas about the Implications for Clinical Theory. *Family Process*, 27(4):371-393.
- Anderson**, H., & **Goolishian**, H. A. (1998). *O cliente é o especialista: uma abordagem para a terapia a partir de uma posição de não saber*. In S. McNamee, & K. J. Gergen. *A terapia como construção social*. (p. 34-50) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Araújo**, N. B., & **Morgado**, N. (2006). A escuta terapêutica na interlocução clínica: uma contribuição ao construcionismo social pelo viés do pragmatismo linguístico. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26:24-34.
- Gergen**, K. J. (2009). Construção social e comunicação terapêutica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 33:9-36.
- Gergen**, K. J., & **Gergen**, M. (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Guanaes**, C., & **Japur**, M. (2008). Contribuições da poética social a psicoterapia de grupo. *Estud. psicol.* (Natal) 13(2). Recuperado em 20 set. 2012 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2008000200003&script=sci_arttext.
- Micheletti**, G. (1997). Repetição e o significado poético: o desdobramento como fator constitutivo na poesia de F. Gullar. *Filosofia e Linguística Portuguesa*, 1:151-164. Recuperado em 05 jan. 2013 de <http://revistas.usp.br/flp/article/view/59650/62746>.
- Morin**, E. (2008). *Sobre estratégia*. Recuperado em 10 jan. 2013 de http://www.tendencias21.net/estrategar/Edgar-Morin-sobre-estrategia_a42.html.
- Rapizo**, R. (2006). *Ressonâncias da prática: a poética social em um grupo de atendimento a famílias em situação de violência*. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26:35-46.
- Rezende**, P. C. M. (2011). Aprendendo construcionismo social: as conversas internas de uma terapeuta em formação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 9:10-16.
- Sanches-Justo et al**, (2010). O construcionismo social na pesquisa em psicologia. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(1). Recuperado em 19 set. 2012, de <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view/76/204>.

- Shotter, J.** (1995). *Wittgenstein's world: beyond 'the way of theory' toward a 'social poetics'*. Recuperado em 20 set. 2012 de <http://www.massey.ac.nz/~alock/virtual/poetics.htm>.
- Shotter, J., & Katz, A. M.** (1996). Articulating a practice from within the practice itself: establishing formative dialogues by the use of a 'social poetics'. *Concepts and Transformation*, 1 (2/3): 213-237.
- Villares, C. C.** (2006). Terapia ocupacional. In: S. M. Malta, C. Attux, & R. A. Bressan (Eds). *Esquizofrenia: integração clínico-terapêutica*. (pp. 51-62.) São Paulo: Atheneu.
- Zanini, M., & Cabral, R. F.** (2007). In: S. M. Malta, C. Attux, & R. A. Bressan (Eds). *Esquizofrenia: integração clínico-terapêutica*. São Paulo: Atheneu.